

TRISTE FIM DO VELHO JORNALISTA: AS DEMISSÕES DE VETERANOS DE TV COMO SINTOMA DA CRISE DO CAPITAL

TRISTE FIN DEL VIEJO PERIODISTA:
LOS DESPIDOS DE VETERANOS DE LA TELEVISIÓN COMO SÍNTOMA
DE LA CRISIS DEL CAPITAL

THE SAD END OF THE OLD JOURNALIST:
THE DISMISSALS OF TV VETERANS AS A SYMPTOM OF THE CAPITAL
CRISIS

Francisco de Assis

■ Doutor e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Professor do curso de Jornalismo da ESPM-SP.

■ *Doctor y Máster en Comunicación Social por la Universidad Metodista de São Paulo (Umesp). Profesor de Periodismo en la ESPM-SP.*

■ E-mail: francescodeassisi@gmail.com

Cláudia Nonato

■ Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Atualmente desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado no Departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

■ *Es doctora y máster en Ciencias de la Comunicación por la Facultad de Comunicación y Artes de la Universidad de São Paulo (ECA-USP). Actualmente realiza una investigación posdoctoral en el Departamento de Comunicación y Artes de la Universidad de São Paulo (ECA-USP).*

■ E-mail: claudia.nonato@uol.com.br



RESUMO

O artigo se volta a um fenômeno em ascensão: a demissão de jornalistas veteranos que atuaram durante décadas em emissoras de TV brasileiras. A partir de referencial apoiado na obra marxiana e em seus legatários, a análise busca situar esses processos de rescisão contratual no contexto da crise do capital em sua feição contemporânea. Como principal contribuição, discute-se como a destituição de importantes agentes do campo jornalístico de seus postos de trabalho tende a ser revertida em narrativas condizentes com a racionalidade neoliberal e celebrada como uma “nova era”.

PALAVRAS-CHAVE: MUNDO DO TRABALHO; JORNALISTAS VETERANOS; DEMISSÕES; CRISE DO CAPITAL.

ABSTRACT

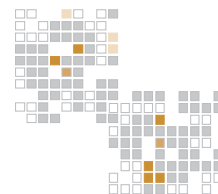
The article focuses on a phenomenon on the rise: the dismissal of veteran journalists who worked for decades on Brazilian TV stations. Using a framework based on Marxian work and his legatees, the analysis seeks to place these processes of contractual termination in the context of the capital crisis in its contemporary form. As a main contribution, it discusses how the dismissal of important agents in the journalistic field from their jobs tends to be reversed in narratives consistent with neoliberal rationality and celebrated as a “new era”.

KEY WORDS: WORLD OF WORK; VETERAN JOURNALISTS; LAYOFFS; CAPITAL CRISIS.

RESUMEN

El artículo se centra en un fenómeno en aumento: el despido de periodistas veteranos que trabajaron durante décadas en estaciones de televisión brasileñas. Utilizando un marco basado en el trabajo de Marx y sus legados, el análisis busca ubicar estos procesos de terminación contractual en el contexto de la crisis del capital en su forma contemporánea. Como contribución principal, analiza cómo el despido de importantes agentes del campo periodístico de sus puestos de trabajo tiende a revertirse en narrativas consistentes con la racionalidad neoliberal y celebradas como una “nueva era”.

PALABRAS CLAVE: MUNDO DEL TRABAJO; PERIODISTAS VETERANOS; DESPIDOS; CRISE DEL CAPITAL.



«Le grand inconvénient de la vie réelle et ce qui la rend insupportable à l'homme supérieur, c'est que, si l'on y transporte les principes de l'idéal, les qualités deviennent des défauts, si bien que fort souvent l'homme accompli y réussit moins bien que celui qui a pour mobiles l'égoïsme ou la routine vulgaire.» (Ernest Renan, *Marc-Aurèle et la fin du monde antique*)¹

A crise do capital, colocada em evidência desde os textos originais de Karl Marx (2017), escritos no século XIX, e mantida até nossos dias como um *continuum* (Mészáros, 2009), tem na precarização das condições de trabalho e nas demissões em massa dois de seus efeitos. A relação se dá, conforme a perspectiva aqui adotada, em razão dos fatores que levam à queda das taxas de lucro e que penalizam a classe trabalhadora por sua força já não conseguir gerar mais-valor.

Estamos acostumados a ver a materialidade dessa situação estampada no noticiário, que constantemente sinaliza as instabilidades econômicas e políticas que atingem os mais variados contextos – desde setores específicos, passando por contextos geograficamente delimitados até, no extremo, o mundo capitalista como um todo. O mais comum é identificarmos exemplos em ramos de atividade chamados por Marx (2017, p. 577-578) de “trabalho manual”, como as dos operários fabris. Mas, mesmo em atividades intelectuais, essas demissões em larga

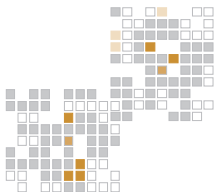
escala têm lugar, e isso se dá porque “a produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, mas essencialmente de mais-valor”, e “só é produtivo o trabalhador que produz mais-valor para o capitalista ou serve à autovalorização do capital”. O jornalismo é exemplo disso.

Jornalistas enfrentam cortes em redação há décadas. No Brasil, há até um termo específico para defini-los: **passaralho**. Sua autoria é atribuída a Joaquim Campelo, à época redator do *Jornal do Brasil* e colaborador de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1910-1989) na elaboração de seu dicionário. Em janeiro de 1974 – momento de sucessivas baixas na redação do *JB* –, Campelo escreveu um verbete irônico, durante uma conversa de botequim, para designar as demissões (Rodrigues, 2020). A palavra ganhou fama. Nos anos 1990, o jornalista José Hamilton Ribeiro destacou, em texto publicado no *Unidade* – jornal do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSPP) –, que “o passaralho, assim como a liberdade de imprensa, é um subproduto do capitalismo. O patrão tem o direito de mandar embora e usa esse direito sem nenhum constrangimento, sem nenhuma cerimônia” (Vai e Vem..., 2015, online).

O passaralho, já devidamente associado ao modo de produção capitalista, com a explicação dada por Ribeiro, advém das instabilidades econômicas cujo principal alvo é a classe trabalhadora. No caso do jornalismo, trata-se, ainda, de uma categoria que pouco se reconhece como trabalhadora (Figaro, 2013), estando integrada aos moldes do sistema e não raramente endossando-o, como veremos adiante.

Nosso objetivo, aqui, é problematizar uma dimensão específica desse fenômeno, algo incomum no jornalismo brasileiro até os anos 2020: as demissões de jornalistas de TV, principalmente apresentadores e repórteres especiais, com longo tempo de casa. Sim, muito recentemente, passamos a ser informados, com

¹ A epígrafe, extraída da versão francesa do livro *Marc Aurélio e o fim do mundo antigo*, é a mesma que Lima Barreto (1881-1922) utilizou na abertura de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de modo a preparar o leitor quanto ao futuro do protagonista. Em tradução livre, lê-se: “O grande inconveniente da vida real e o que a torna insuportável ao homem superior é que, se para ela se transporta os princípios do ideal, as qualidades se tornam defeitos, tanto que, com muita frequência, o homem íntegro é menos bem-sucedido do que aquele que se move pelo egoísmo ou pela rotina vulgar”. Cabe ainda esclarecer que os intertítulos deste artigo, escritos entre aspas, são títulos dados por Barreto a capítulos de seu romance.



regularidade, de que antigos profissionais atuantes em grandes emissoras têm sido desligados, algo pouco visto nas décadas anteriores. Voltamos, então, o olhar para esse grupo, na tentativa de melhor compreender tal situação e de reconhecer aspectos processuais e discursivos que marcam essas ocorrências².

“Espinhos e flores”

Uma característica de certo modo relevante no mundo do trabalho dos jornalistas corresponde ao fato de que um grupo de veteranos permanece atuante até idade avançada ou, mesmo, até o fim da vida. Pesquisa sobre esse perfil profissional no Brasil, coordenada por Samuel Lima (2022, p. 28), que contou com um universo de 3.100 respondentes, identificou 5% com idade acima de 64 anos e 17,8% entre 51 e 64 anos; somam-se a eles, ainda, mais 18% entre 41 e 50 anos. Em linhas gerais, esses dados nos apresentam uma categoria com 40,8% de sujeitos com pelo menos duas décadas de experiência. O relatório oferece a seguinte análise: “Esses números indicam um envelhecimento dos profissionais com relação à pesquisa anterior³, que pode ser confirmado pelo aumento em todos os percentuais de idade, exceto os abaixo de 30 anos, onde houve um grande decréscimo”.

O envelhecimento dos jornalistas é um processo, em certo sentido, paradoxal. Ou, para

não incorreremos no risco de generalizações sem dados pontuais, podemos dizer que as observações já realizadas a esse respeito, considerando o cenário brasileiro, revelam duas particularidades antagônicas: de um lado, os sujeitos seniores são propensos a serem cortados de quadros funcionais; de outro, quando estão contratados, geralmente usufruem de prestígio e recebem altos salários. É o que diz Zélia Leal Adghirni (2017, p. 148-149):

Uma fronteira invisível e intransponível separa jovens e veteranos. A profissão de “feminizou” e se tornou mais jovem. [...] Os salários baixaram. Os valores ideológicos e românticos desaparecem para dar lugar ao profissionalismo pragmático. [...] Mas não sejamos pessimistas. A pesquisa também revela o universo de uma elite de jornalistas prestigiados e bem pagos que ocupam altos cargos nas hierarquias das empresas. Compartilham um status profissional de prestígio que os jovens ainda não conquistaram. Ou talvez nunca consigam.

Ao analisar o depoimento de um colaborador da fase qualitativa da pesquisa que resultou no livro *As mudanças no mundo do trabalho jornalista*, Roseli Figaro (2013, p. 52) nota que as gerações mais velhas, principalmente as com mais de 60 anos, se veem deslocadas das urgências suscitadas pelas empresas, especialmente as que compõem o que podemos chamar de mídia hegemônica, e também sentem diferenças em sua postura quando se comparam com os mais jovens. Seu entrevistado, chamado pelo nome fictício Nilson, lhe disse: “a minha geração é uma geração do mundo analógico, mesmo usando computador, [que] continua sendo pra mim uma máquina de escrever mais ágil”. E acrescentou: “com a mudança da legislação, o mercado ficou infestado aí de jornalistas entre aspas, que aceitam trabalhar por qualquer pagamento, não

2 A metodologia empregada para a análise será descrita adiante, antes da apresentação dos resultados.

3 A pesquisa anterior ao qual o relatório coordenado por Lima (2022, p. 28) se refere é o levantamento análogo realizado uma década antes, mais precisamente em 2012, e que traçou o seguinte panorama: “Têm até 30 anos 59% dos jornalistas (11% na faixa entre 18 e 22 anos e 48% na faixa entre 23 e 30). Têm entre 31 e 40 anos 21,9% dos profissionais. Os percentuais decrescem significativamente nas faixas de idade mais elevada: são 11,1% entre 41 e 50 anos; 7,6% entre 51 e 64 anos; e apenas 0,4% acima de 64 anos” (Mick; Lima, 2013, p. 33). Queremos, no entanto, chamar a atenção para o fato de que, em maior ou menor incidência, ambos os diagnósticos confirmam que veteranos se mantêm ativos no mundo dos jornalistas.



digo nem salário, porque nem salário a maior parte recebe”. A pesquisadora interpreta tal discurso nos seguintes termos:

Nilson tem um lugar de fala hoje completamente desprestigiado pelo status quo. Tem mais de 60 anos, não tem intimidade com as novas tecnologias, não aceita contratos de trabalho que lhe paguem menos do que o piso negociado pelo Sindicato dos Jornalistas e defende uma posição sobre o saber/fazer jornalístico que afasta o jornalista do personalismo, do aparecer, ou da ideia, muito comum hoje, de o profissional se vender, vender uma imagem.

Conquanto distintas em suas análises, e mesmo nos dados que as amparam, as duas autoras aqui revisitadas evidenciam contradições manifestas na relação entre jornalistas veteranos e seu lugar de trabalhador. A primeira considera que eles sobrevivem pela capacidade de se adequar às novas prescrições; são os que, depois de acumular “experiência e qualidade profissional consolidadas na passagem por jornais, revistas, canais de TV de maior credibilidade”, tornaram-se “chefes de redação, diretores de sucursais, editorialistas, comentaristas ou escritores-jornalistas, formadores de opinião”, etc., conformando “uma elite que sobreviveu graças a estratégias, talentos, capacidade de adaptação ideológica à empresa e espírito de invenção permanente” e cujas “assinaturas [...] conferem prestígio e credibilidade à mídia” (Adghirni, 2017, p. 150). Já a segunda observa que os veteranos – representados por seu entrevistado – possuem as qualidades constitutivas da credibilidade há pouco mencionada, mas as consideram incompatíveis com as demandas da era digital, em que o tempo – um **nanotempo**⁴

– é o principal critério, motivo pelo qual um “conflito” se impõe e que traduz uma disputa geracional: “manter **os fundamentos versus** ceder à pressão **da loucura** do tempo gerido pela lógica da mercadoria” (Figaro, 2013, p. 54). Ambas, contudo, concordam que o não assujeitamento às regras que vão surgindo – mesmo as nocivas à deontologia jornalística – promove uma expulsão do mundo do trabalho, seja ela simbólica, identificada em abandono por iniciativa própria (aqueles que pedem demissão ou, melhor dizendo, são levados a pedi-la), seja *de facto*, em processos de exclusão arbitrários.

Tudo isso aqui posto necessita ser projetado no devido contexto, uma vez que a relação entre faixa etária e trabalho não se dá deslocada do processo histórico. No exercício ao qual nos propomos, há dois aspectos, inter-relacionados, que não se pode perder de vista nesse juízo: a crise do jornalismo e a crise do capital.

A primeira delas corresponde às instabilidades internas do campo, que redundam em uma “crise de identidade” – muito em razão de o jornalismo não ser mais a única ou a principal narrativa sobre o cotidiano e de concorrer com uma multiplicidade de mídias à disposição da sociedade – e também em uma busca por modelos rentáveis, saída para a manutenção de veículos de imprensa (Ramonet, 2012, p. 21-40 e 115-133), os quais enfrentam, há pelo menos três décadas, os percalços da dispersão do público, antes concentrado em poucas opções. No caso da TV brasileira – *locus* considerado em nossa análise –, isso tem sido verificado desde os anos 1990, como demonstra a investigação liderada por Silvia Borelli e Gabriel Priolli (2000, p. 62-75) que focalizou a Rede Globo e, em particular, o *Jornal Nacional*. A crise, nesse caso, não é apenas de audiência, mas também de formato, do modo como são elaborados os conteúdos jornalísticos. Pode-se dizer que essas duas faces se mesclam e resultam numa conjuntura desfavorável,

⁴ Figaro (2013, p. 53) argumenta que “o tempo do digital é medido pela rapidez dos cliques, um *nanotempo* no qual a resposta é a do impulso”, no qual “não cabe o tempo da reflexão”.

especialmente a quem não tem disposição para se submeter a regras distantes de sua consciência social – caso de muitos veteranos, como já dito.

O colapso do jornalismo tem axiomáticas implicações econômicas e políticas. A questão, no entanto, pode ser analisada inversamente, isto é, podemos compreender a crise do campo jornalístico como fruto dos reveses do sistema que de tempos em tempos despontam. É o segundo aspecto a que nos referimos. Numa espécie de círculo vicioso – ou, no dizer de Marx (2017, p.524-525), numa “sequência de períodos de vitalidade mediana, prosperidade, superprodução, crise e estagnação” –, o capital tem a crise como parte de sua estrutura (Mészáros, 2009), razão pela qual há uma constante e normalizada sensação de insegurança e instabilidade nas condições de vida da classe trabalhadora. “Descontadas as épocas de prosperidade”, continua o texto do primeiro livro d’*O capital*, “chega-se sempre a um ponto em que se busca baratear a mercadoria por meio da redução forçada dos salários abaixo do valor da força de trabalho” – ou mesmo de outras formas de precarização da mão de obra.

A apreensão da crise do capital como impulsionadora da crise do jornalismo é partilhada por Rafael Bellan Rodrigues de Souza (2018, p. 60), que também se debruça sobre dados reveladores de um “desemprego crônico” sintomático. Nas últimas décadas, verificou-se milhares de demissões no âmbito desse campo, no Brasil⁵ e em outros países, “a grande maioria por corte de custos”. Como consequência, inclusive da perda de valor de troca dos produtos jornalísticos, o mundo do trabalho dessa categoria é reestruturado, adotando parâmetros flexíveis e fragmentando as atividades desempenhadas. O

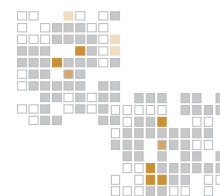
5 “No Brasil, segundo a Agência Volt de Jornalismo de Dados, em pouco mais de três anos (2012 a junho de 2015), foram contabilizadas pelo menos 1.084 demissões de jornalistas em cerca de 50 redações, incluindo as principais empresas de comunicação brasileiras, a grande maioria por cortes de custos” (Souza, 2018, p. 60).

resultado é um ônus arcado pelos jornalistas.

Mão de obra precarizada, com jornadas de trabalho flexíveis, contratos sem garantias – temporários e autônomos –, os trabalhadores do conhecimento [...] são parte dessa nova condição da classe trabalhadora. A reestruturação produtiva da classe que-vive-do-trabalho [...], bem como o desemprego estrutural e a miséria ideológica de uma sociedade de informações fetichizadas são expressões fenomênicas da crise estrutural do capital. [...] Em síntese, há uma relação complexa entre os passaralhos e o desemprego crônico advindo da crise estrutural que envolve os mecanismos metabólicos de reprodução do capital (Souza, 2018, p. 61 e 64).

De fato, concordando com o autor, o que se passa com o jornalismo *mainstream*, produzido no âmbito da mídia hegemônica, reflete os movimentos do capital. Há, portanto, um paralelo entre as duas crises, se é que não se fundem em uma só. Veja-se, pois, que, desde a segunda metade do século XX, junto ao desenvolvimento tecnológico-digital, que atingiu em cheio o *habitat* dos jornalistas, a reestruturação do trabalho foi incorporando, cada vez mais, a racionalidade neoliberal, que, segundo Pierre Dardot e Christian Laval (2016, p. 17), “tem como característica principal a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação”. Dizendo melhor, o neoliberalismo demonstra ser “a razão do capitalismo contemporâneo”, podendo ser definido “como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência”.

Esse sistema normativo chama os indivíduos a assumirem para si responsabilidades de suas ações, esvaziando o sentido de coletividade.



Não por menos, o signo da concorrência é que o rege. É aí, portanto, que surge a proposta do empreendedorismo como tábua de salvação das atividades econômicas e, no limite, do próprio capitalismo. Resultado do processo de flexibilização e precarização do trabalho, o sujeito empreendedor – agente do capital em sua face neoliberal –, empresário de si mesmo, é tomado como alternativa à falta de empregos formais e de garantias sociais.

Mostra-se claro que, na lógica do neoliberalismo, reforçada em seus discursos – dominantes, diga-se –, desemprego é estímulo ao “autogoverno” (Dardot; Laval, 2016, p. 140). O que observamos sobre os jornalistas veteranos destituídos da estabilidade em que permaneceram por décadas está inserido nessa racionalidade. Necessitamos, portanto, considerar esse critério como uma lente através da qual leremos os números e as experiências descritas na sequência.

“Reformas radicais”

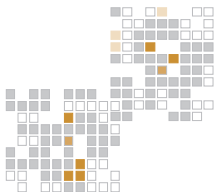
A reflexão sobre as mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas, no que respeita aos veteranos de TV e às demissões a que têm sido submetidos nos últimos anos, adveio de uma leitura de conjuntura. Foi por meio do noticiário que despertamos a atenção para um processo que mereceria ser observado com minúcia. E foi justamente em matérias jornalísticas que nos pautamos.

Procedemos à coleta das informações em outubro de 2023, a partir do buscador do Google e considerado como recorte temporal o último quinquênio (2019 a 2023), o que se mostrou pertinente por abranger os períodos pré e pós

pandemia de Covid-19, iniciada em 2020 e cujo ápice se deu em 2021. Para agilizar a procura, foi utilizada a palavra-chave “jornalistas demitidos”. Importa destacar que, não obstante nossa hipótese prévia fosse a de que os desligamentos estavam atingindo essencialmente os profissionais seniores, não inserimos a variável etária na fase de coleta. É por esse motivo, como se verá, que alguns poucos casos – 3 ou 5,55% do total – se referem a pessoas com menos de 40 anos.

Respeitando tais critérios, encontramos informações referentes a 54 jornalistas de TV, atuantes nas divisões de jornalismo, esporte ou entretenimento, que foram demitidos ou pediram demissão no período já esclarecido. Os dados mais relevantes foram distribuídos em quatro categorias que serão mais bem exploradas adiante: ano do desligamento, idade à época, tempo de permanência na empresa e circunstância da saída. Os resultados encontrados foram extraídos de textos publicados em veículos jornalísticos, principalmente dedicados à cobertura de assuntos relacionados à televisão, como F5, NaTelinha, TV Foco, Notícias da TV, entre outros.

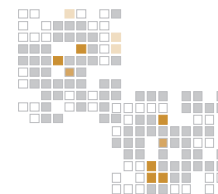
Também devemos pontuar que não é nossa intenção trazer a conhecimento uma sistematização totalizante do grupo ao qual nos voltamos. Como adotamos apenas uma estratégia de busca, é possível que alguns nomes não tenham sido recuperados e contemplados no Quadro 1. De todo modo, para o nosso propósito, que consiste menos em contabilizar indivíduos que em tensionar a questão, consideramos o *corpus* suficiente e ajustado aos parâmetros metodológicos. Dito isto, vejamos:



Quadro 1 – Jornalistas desligados de emissoras de TV brasileiras entre 2019 e 2023

Jornalista	Emissora	Ano	Idade à época	Tempo de casa	Circunstância
Alberto Gaspar	Globo	2023	65 anos	39 anos	Demitido
Ari Peixoto	Globo	2021	65 anos	34 anos	Demitido
Arthur Guimarães	Globo	2023	Não identificado	11 anos	Demitido
Carlos Tramontina	Globo	2022	67 anos	44 anos	Demitido
Cecília Flesch	Globo	2023	39 anos	18 anos	Demitida
Cesar Galvão	Globo	2023	55 anos	24 anos	Demitido
Chico Pinheiro	Globo	2022	70 anos	26 anos	Demitido
Cleber Machado	Globo	2023	61 anos	35 anos	Demitido
Cristiane Pelajo	GloboNews	2022	52 anos	26 anos	Pediu demissão
Eduardo Faustini	Globo	2022	71 anos	27 anos	Demitido
Eduardo Tchao	Globo	2023	Não identificado	37 anos	Demitido
Ernesto Paglia	Globo	2022	64 anos	43 anos	Demitido
Fabio Turci	Globo	2023	48 anos	23 anos	Demitido
Fábio William	Globo	2023	57 anos	27 anos	Demitido
Fernando Saraiva	Globo	2021	44 anos	22 anos	Demitido
Flávia Januzzi	Globo	2023	Não identificado	25 anos	Demitida
Francisco José	Globo	2021	79 anos	40 anos	Demitido
Giovana Teles	Globo	2023	52 anos	21 anos	Demitido
Giuliana Morrone	Globo	2023	56 anos	34 anos	Demitido
Glória Vanique	Globo	2020	47 anos	13 anos	Pediu demissão
Isabela Assumpção	Globo	2021	72 anos	41 anos	Demitido
Janaina Xavier	Globo	2022	45 anos	23 anos	Demitida
Janine Borba	Record	2023	55 anos	19 anos	Demitida
Jorge Espírito Santo	Globo	2023	60 anos	23 anos	Demitido
José Hamilton Ribeiro	Globo	2021	88 anos	40 anos	Demitido
José Raimundo	Globo	2021	76 anos	31 anos	Demitido
Jota Júnior	Globo	2023	74 anos	24 anos	Demitido
Juliana Rosa	GloboNews	2021	46 anos	20 anos	Pediu demissão
Leila Sterenberg	GloboNews	2023	52 anos	25 anos	Demitida
Linhares Junior	Globo	2023	Não identificado	13 anos	Demitido
Livia Torres	Globo	2023	37 anos	14 anos	Demitida
Luciana Osório	Globo	2023	Não identificado	16 anos	Demitida
Manoel Soares	Globo	2023	44 anos	20 anos	Demitido
Marcela Rahal	CNN	2022	38 anos	2 anos	Demitida
Marcelo Cannelas	Globo	2023	57 anos	33 anos	Demitido
Marcia Correa	Globo	2023	Não identificado	33 anos	Demitida
Márcio Gomes	Globo	2020	49 anos	24 anos	Pediu demissão
Marco Aurélio Souza	Globo	2022	47 anos	18 anos	Pediu demissão
Marcos Uchôa	Globo	2021	65 anos	34 anos	Pediu demissão
Maurício Kubrusly	Globo	2019	77 anos	34 anos	Demitido
Maurício Noriega	SporTV	2023	56 anos	21 anos	Demitido
Mauro Naves	Globo	2019	64 anos	31 anos	Demitido
Michele Barros	Globo	2022	44 anos	12 anos	Pediu demissão
Monalisa Perrone	Globo	2019	53 anos	15 anos	Pediu demissão
Mônica Sanches	Globo	2023	57 anos	31 anos	Demitida
Patrícia Costa	Record	2023	44 anos	16 anos	Demitida
Renato Machado	Globo	2021	80 anos	40 anos	Demitido
Roberto Paiva	Globo	2021	42 anos	20 anos	Demitido
Roberto Thomé	Record	2023	68 anos	21 anos	Demitido
Sidney Rezende	CNN	2022	64 anos	2 anos	Demitido
Sylvestre Serrano	Record	2023	Não identificado	17 anos	Demitido
Thais Itaquí	Globo	2023	43 anos	16 anos	Demitida
Tino Marcos	Globo	2021	61 anos	35 anos	Pediu demissão
Veruska Donato	Globo	2021	45 anos	21 anos	Demitida

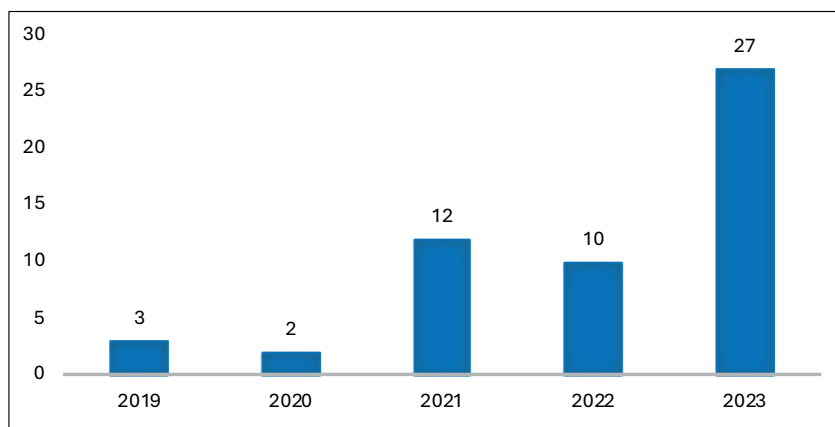
Fonte: Elaboração dos autores.



O universo aqui focalizado é composto por 33 homens (61,11%) e 21 mulheres (38,88%). Como exposto no Gráfico 1, a maior parte das demissões – 49 (90,74%) – ocorreu entre 2021 e 2023, sendo o último o ano o mais crítico, concentrando a metade das ocorrências, ou seja, 27 (50%). Essa discrepância em relação ao período imediatamente anterior é possivelmente

decorrente do acento dado pela pandemia à crise já em curso. Destaca-se o fato de que a grande maioria saiu do Grupo Globo – 47 (87,03%), sendo 44 da Rede Globo e 3 da GloboNews –, e poucos(as) se recolocaram em outras grandes emissoras, algo que exploraremos em etapa posterior da pesquisa.

Gráfico 1 – Jornalistas desligados de emissoras de TV brasileiras conforme o ano da ocorrência

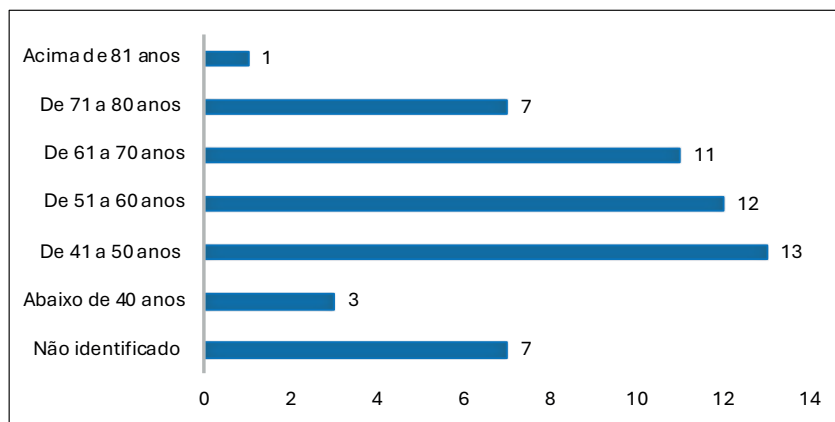


Fonte: Elaboração dos autores.

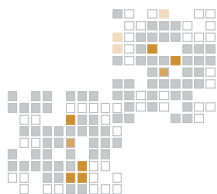
A maioria – 31 (57,40%) – tinha entre 52 e 88 anos à época do desligamento, o que reforça o já explorado e, igualmente, acena para a problemática do etarismo, algo que vem sendo colocado em discussão em diferentes esferas

(Zak, 2023). Outros 16 (29,62%) estavam abaixo dos 50, e 7 (12,96%) não tiveram idade identificada. O Gráfico 2 ajuda a visualizar essa distribuição.

Gráfico 2 – Jornalistas desligados de emissoras de TV brasileiras conforme faixa etária



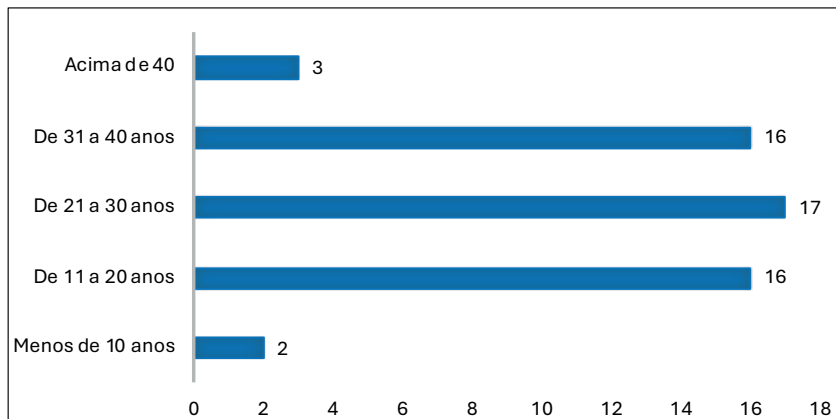
Fonte: Elaboração dos autores.



O tempo de permanência no emprego também reforça nossa hipótese sobre a situação dos veteranos: 36 (66,66%) estavam no mesmo emprego há mais de 21 anos, e 16 (29,62%) tinham pelo menos 11 anos de casa. A longa relação empregatícia desses casos corrobora a percepção, lançada inicialmente, de que as demissões em massa dos jornalistas atuantes em

grandes empresas de mídia televisiva constitui, de fato, um fenômeno recente⁶. Um número inexpressivo – 2 (3,71%) – estava há apenas dois anos na CNN, inaugurada em 2020, e o curto período de contratação corresponde justamente ao tempo de existência da emissora, até ali, marcado por diversos problemas, principalmente financeiros (Nascimento, 2023).

Gráfico 3 – Jornalistas desligados de emissoras de TV brasileiras conforme tempo de casa

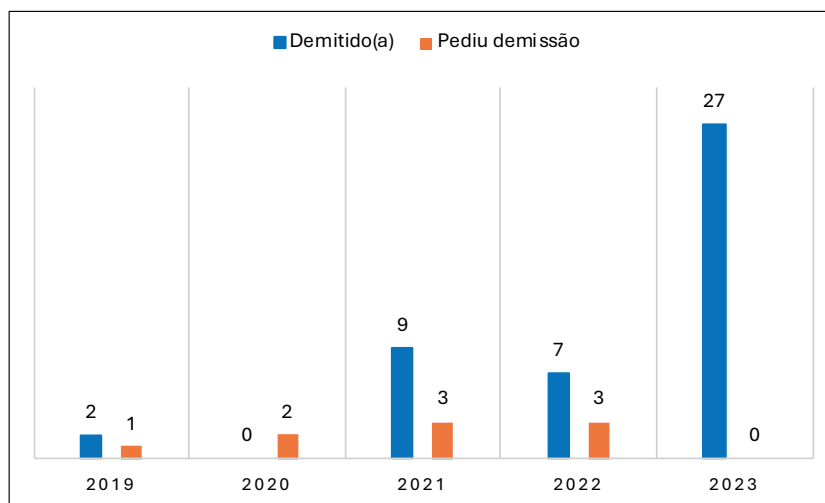


Fonte: Elaboração dos autores.

Enfim, em relação às circunstâncias dos desligamentos, verificamos que 45 jornalistas (83,33%) foram demitidos, enquanto 9 (16,67%) pediram demissão. De 2019 a 2023, foram contabilizadas, sequencialmente, 3 (5,55%),

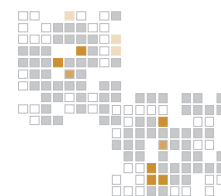
2 (3,71%), 12 (22,22%), 10 (18,52%) e 27 (50%) saídas. Todas as ocorrências de 2023 correspondem a profissionais demitidos, e todas as de 2020 são pedidos de demissão.

Gráfico 4 – Jornalistas desligados de emissoras de TV brasileiras conforme a circunstância



Fonte: Elaboração dos autores.

⁶ É preciso esclarecer que demissões de jornalistas contratados por grandes emissoras sempre ocorreram, mas isoladamente e por motivos não necessariamente relacionados à crise do capital colocada aqui como parâmetro de análise. É o caso de William Waack, demitido da Globo, em 2017, após ter proferido comentários racistas, antes de uma entrada ao vivo.



Além dos dados quantitativos devidamente apresentados, vale também registrar que duas jornalistas passaram pelo processo de demissão mais de uma vez durante o período observado – muito embora, aqui, para fins de análise, tenhamos considerado somente o primeiro desligamento. São os casos de Glória Vanique e Monalisa Perrone, que saíram da Globo em 2020 e em 2021, respectivamente, tendo sido contratadas, na sequência, pela CNN, mas demitidas pouco depois – ambas em 2022.

“... E tornaram logo silenciosos...”

A flexibilidade das relações trabalhistas, marca do capitalismo neoliberal, até que tardou a respingar nos veteranos de TV no Brasil, mas possivelmente iniciou um processo irreversível. É bastante provável que os dados postos em discussão demarquem o fim de uma era de estabilidade, que deu lugar a um tempo em que a crise se revela, entre outros aspectos, na permanência limitada de certos agentes do campo jornalístico em postos de trabalho antes duradouros.

O processo histórico no qual os jornalistas com vasta experiência se inserem os obriga a aderir aos parâmetros impostos pelo sistema, sob a pena de exclusão, se não o fizerem. Por isso mesmo, nem todos os nomes que aparecem no Quadro 1 mantiveram suas carreiras na TV. Parte deles migrou para outras atividades de comunicação, como Renato Machado, que criou um podcast sobre vinhos, Eduardo Tchao, que tem um canal no YouTube, e Sidney Rezende, que fundou um portal de notícias, segundo as informações coletadas. Mas há, ainda, os que se afastaram completamente de atividades ligadas à mídia: José Hamilton Ribeiro passou a se dedicar a sua fazenda, Flávia Januzzi transformou o antigo hobby de design de flores em principal campo de trabalho, e Giuliana Morrone agora atua como palestrante de governança ambiental, social e

corporativa (ESG, na sigla em inglês⁷) e mestre de cerimônias.

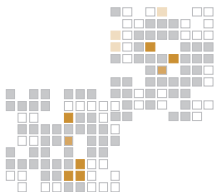
Também há quem tenha se mantido na TV, mas sob outros regimes de contratação – é o que vimos ao mencionar Glória Vanique e Monalisa Perrone, há pouco; outros exemplos são o de Eduardo Faustini, antigo repórter secreto do Fantástico que, 17 meses após ser demitido, voltou à Globo para atuar na produção do programa Linha Direta, e Márcio Gomes, que permanece na CNN desde a sua inauguração.

Pontuamos, ainda, que algumas demissões desencadearam processos trabalhistas, como a de Veruska Donato, que move ação por assédio moral, e a de Jota Júnior, que briga por reconhecimento de direitos relativos a 20 anos trabalhados sem carteira assinada. Além disso, houve baixas em meio a tratamentos de saúde – casos de Maurício Kubrusly, demitido após aproximadamente um ano e meio afastado e de ter sido diagnosticado com demência frontotemporal, e de Marco Aurélio Souza, que pediu demissão enquanto se recuperava da Síndrome de Burnout.

Se os motivos para o encerramento dos contratos varia, a raiz de todos esses episódios é a mesma: as questões de ordem econômica, quase nunca assumidas, maquiadas por declarações oficiais protocolares e/ou em tom otimista. Ao comentar os casos de Chico Pinheiro e Carlos Tramontina, Daniel Castro (2022, online) afirma:

Diferentemente do que a Globo deu a entender em notas internas, os jornalistas Carlos Tramontina e Chico Pinheiro não saíram da emissora porque queriam ou porque pediram. Celetistas que eram, foram demitidos porque ganhavam altos salários e estavam desgastados. Foram avisados em janeiro que seriam afastados após o Carnaval. O único

⁷ Environmental, Social and Governance.



“comum acordo” que fizeram foi um voto de silêncio: não deram um pio sobre o assunto. A Globo nega.

Ademais, diga-se que os poucos sujeitos com menos de 40 anos identificados no levantamento, cujos salários são sabidamente inferiores aos dos mais velhos, também tiveram contratos encerrados por questões atravessadas pela economia, não obstante com outra angulação. É o que se vê com Livia Torres, desligada da Globo por ter feito um trabalho *freelancer* para a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), apresentando um de seus eventos (Após deixar a Globo..., 2023), indicativo de necessidade de complementar a renda, mesmo tendo emprego fixo, algo sequer cogitado no período pré-crise.

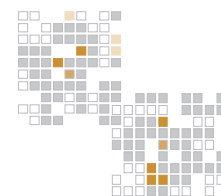
Desde a pandemia, a Globo – que, como se viu, está envolvida em 87,03% das ocorrências levantadas – tem feitos sucessivos cortes em seu quadro de pessoal, não apenas do jornalismo. Atores e atrizes, autores e autoras de dramaturgia e outros profissionais do jornalismo e do entretenimento têm sido sumariamente demitidos. Alguns têm sido chamados de volta para trabalhos pontuais, outros são trocados por mão de obra mais barata e outros sequer são substituídos, o que significa, evidentemente, um acúmulo de tarefas aos que se mantêm no quadro de funcionários. A mudança de postura – que a emissora a todo custo quer silenciar, de modo a proteger sua imagem de instituição sólida – não apenas explica os dados aqui explorados como também reforça as marcas da “nova razão do mundo” de que nos falam Dardot e Laval (2016).

Suscitados no bojo da crise do capital, reforçada pelo neoliberalismo, essas demissões são “justificadas” por narrativas que naturalizam e até romantizam os passaralhos. Demitida numa leva de dez profissionais, em 2023, Flávia Januzzi publicou o seguinte texto em uma rede social: “A vida é de ciclos. O meu com a TV

Globo durou redondos 25 anos. Um casamento esgotado no auge das bodas de prata. E como toda relação, tem início, meio e fim” (Benício, 2023, online). Dois anos antes, Ari Peixoto – demitido junto com Alberto Gaspar – enviou um e-mail aos colegas com a seguinte mensagem: “Me despeço da Globo saindo pela mesma porta por onde entrei há 34 anos, a da frente. [...] Saio agradecido porque muito do que construí, tanto no campo pessoal quando no profissional, devo à Globo. São os novos tempos” (Oliveira, 2021, online). Além disso, vários desses grandes nomes foram agraciados com notas internas, assinadas principalmente por Ali Kamel – diretor-geral de jornalismo da emissora entre 2012 e 2023 –, enaltecendo qualidades e préstimos.

É próprio dos donos do capital se apropriarem de tudo o que possa ser revertido em seu benefício – até mesmo da crise, que, como se verifica desde a obra marxiana, é prevista na sua estrutura. Os discursos exemplificados logo antes se tornam, portanto, ferramentas estratégicas para contornar os processos de demissão, situando as perdas de empregos numa dimensão inferior ao que, de fato, representam. E só contribuem com a manutenção da gramática do empreendedorismo, tentando fazer crer que os veteranos de TV colocados na rua seguem em frente, com altivez, usando da criatividade para se autogovernar e aceitar as imposições de uma nova era, ainda que, na realidade, sejam fortemente afetados por um mercado instável e até mesmo pela ausência de vagas de emprego.

O velho jornalista, aquele, parafraseando Ernest Renan – evocado na epígrafe –, íntegro e idealista, que não se move pela rotina vulgar, se vê agora, tal como o personagem da trama fictícia de Lima Barreto, entregue à própria sorte – ou, segundo a letra neoliberal, ao seu autogoverno. Não vê saída que não seja se adequar a modelos incondizentes com seu conhecimento ou se recolher depois de longa jornada. Parece até



ilógico estar fora de empresas para as quais vendeu sua força de trabalho durante décadas e que, salvo poucas exceções, não gostaria de ter

deixado. O velho jornalista experiente, de tão profundos ideais, merecia esse triste fim?

Referências

ADGHIRNI, Zélia Leal. *O jornalista: do mito ao mercado*. Florianópolis: Insular, 2017.

APÓS DEIXAR A GLOBO, Livia Torres agradece e esclarece adeus à emissora: 'Escutei o não, busquei o sim'. *F5*, 20 jul. 2023. Disponível em: <<https://acortar.link/Nnykgt>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

BORELLI, Silvia H. Simões; PRIOLLI, Gabriel (Coords.). *A deusa ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã de audiência*. São Paulo: Summus, 2000.

BENÍCIO, Jeff. Repórter demitida pela Globo após 25 anos encontra nova profissão fora da TV. *Terra*, 21 maio 2023. Disponível em: <<https://acortar.link/XAPTgm>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

CASTRO, Daniel. Globo demitiu Chico Pinheiro e Carlos Tramontina com voto de silêncio. *Notícias da TV*, 30 abr. 2022. Disponível em: <<https://acortar.link/06u3it>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FIGARO, Roseli. Perfis e discursos de jornalistas no mundo do trabalho. In: FIGARO, Roseli (Org.). *As mudanças no mundo do trabalho do jornalista*. São Paulo: Atlas, 2013. p. 7-143.

LIMA, Samuel (Coord.). *Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho*. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MÉSZÁROS, István. *A crise estrutural do capital*. São Paulo: Boitempo, 2009.

MICK, Jacques (Coord.); LIMA, Samuel. *Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012*. Florianópolis, Insular, 2013.

NASCIMENTO, Sandro. Com prejuízo milionário, CNN Brasil cogitou encerrar operação no Brasil. *NaTelinha*, 20 jan. 2023. Disponível em: <<https://acortar.link/RW8C9k>>. Acesso em: 30 mar. 2024.

OLIVEIRA, Larisse. Demitido da Globo após 30 anos, jornalista do Jornal Nacional manda carta de despedida e causa choro. *TV Foco*, 9 out. 2021. Disponível em: <<https://acortar.link/p9sNDS>>. Acesso em: 11 abr. 2024.

RAMONET, Ignacio. *A explosão do jornalismo: das mídias de massa à massa de mídias*. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

RODRIGUES, Sérgio. O passalho está no cardápio. *Folha de S.Paulo*, 16 dez. 2020. Disponível em: <<https://acortar.link/HTcpxh>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. A dialética da crise do jornalismo: o sociometabolismo do capital e seus limites estruturais. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 55-69, maio/ago. 2018.

VAI E VEM do Mercado (Moagem) – 19/01 a 26/01. *SJSP*, 19 jan. 2015. Disponível em: <<https://acortar.link/seFdPC>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

ZAK, Luiz. Redações estão ficando cada vez mais jovens e com pouca experiência. *Portal da Comunicação*, 6 jul. 2023. Disponível em: <<https://acortar.link/7SLtfj>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

Artigo recebido em 16/04/2024 e aceito em 10/09/2024.

